

SABADO, 10 DE OUTUBRO DE 1999

DNa

ENTREVISTA: CATHERINE DENEUVE ■ DESCOBERTA: RESTAURANTES QUE NÃO DEVIAM SER ■ MODA: O REGRESSO DO VERDE

Essênciado Oriente

O NOVO LIVRO DE AGUSTINA BESSA-LUIS, «A QUINTA ESSÊNCIA», TEM EM MACAU O «CENTRO INACABADO DUMA EPOPEIA». O DNA ORGULHA-SE DE PRÉ-PUBLICAR, EM EXCLUSIVO, O PRIMEIRO CAPÍTULO DE UMA OBRA ESPERADA COM ENORME EXPECTATIVA

Catherine Deneuve

DN Entrevista

Depois de «O Convento» de Manoel de Oliveira, Portugal já não é um ponto remoto no mapa afectivo da deusa do cinema francês. Catherine Deneuve

esteve em Portugal a propósito da estreia de «O

Tempo Reencontrado» e falou ao DNA da carta que

escreveu a Lars Von Triers depois de se ter como-

vido com «Breaking the Waves», do pouco que jul-

ga saber sobre o que é ser actriz, do muito que sa-

be ser um mito, do filme que faria com Hitchcock,

da torre de marfim onde a puseram e da força dos

encontros que lhe desenharam a vida a golpes de

talento. E «glamour», o mais aristocrático de todos

«A elegância é aquilo em que não se repara. Mas que faz a diferença. A elegância não é a beleza. É uma forma de luxo pessoal. De atitude. Para mim é mais uma atitude que outra coisa qualquer»

ENTREVISTA DE TERESA MAIA E CARMO
FOTOGRAFIAS DE ARQUIVO DN E FOTOTECA

Aos 55 anos ela é bela como sempre. Severa e altiva no tom, não desmerece do lugar comum que a dá há anos como o modelo da ambiguidade por excelência. Sobretudo desde que Buñuel a mostrou devassa de dia e casta à noite («Belle de Jour») e Truffaut falou

do seu «carácter duplo, essa fractura loira no rosto», mesmo que originalmente ele tenha sido morena. O mesmo Truffaut que lhe deu alguns dos melhores filmes da sua carreira («O Último Metro», «Sereia do Mississippi») – e, conta-se, também alguns bons momentos da sua vida. Simultaneamente grave e ligeira, glacial e ardente, de rosto doce e olhar duro, em «éclat» permanente com a câmara. Esteve em Lisboa



Catherine Deneuve

a promover «O Tempo Reencontrado», o filme de Raoul Ruiz, esse chileno adorável que um dia começou a ler Proust às avessas porque foi assim que o editaram no seu país, e acabou por encontrar a melhor chave para adaptar esse histórico «inadaptável» ao cinema. Catherine Deneuve não suporta mal o uso do tempo, nem parece perder os seus dias em busca do tempo perdido. Um tempo, no mínimo glorioso, com mais de 42 anos de carreira e 92 filmes (o que é muito filme) rodados, com alguns dos maiores realizadores contemporâneos, onde só falta um Oscar que esteve à beirinha de ganhar com «Indochina». Se os grandes marcos foram Jacques Demy («Os Chapéus de Chuva de Cherbourg», 1964), Polanski («Repulsa», 68), Buñuel («Belle de Jour», 67 e «Tristana», 70) e mais recentemente Techné, com quem já vai no quarto filme, muitos outros a quiseram na cabeça dos seus cartazes. É talvez a única verdadeira «star» europeia, e tem a particularidade de aliar um estatuto incontestado de vedeta ao gosto por escolher projectos «de autor» e entrar em riscos assumidos como os de filmar com principiantes em quem acredita.

Há um mito sobre a reserva que mantém desde sempre relativamente à vida pessoal. Há um mito também quanto ao seu pouco gosto em falar com jornalistas. Pudera. São anos a responder a perguntas iguais (não desfazendo, ir a conferências e «rondas» de Imprensa é muito elucidativo), sempre a tentar esconder-se. Assume num segundo a pose profissional de quem está a trabalhar, mesmo que contrafeita.

Vem vestida de verde florido, tudo verde. Não cultiva a afabilidade, nem por um segundo olha o fotógrafo sentado ao nosso lado. É provável que se eu tivesse mais dez anos não conseguisse sequer entabular uma conversa, umas palavritas, um ensaio de entrevista, porque estaria decerto esvaída em admiração e embaraço pela segura da primeira abordagem. Não é que não impressione: a senhora continua a ser um arraso de distinção. Não é que não se compreenda: atura isto desde os 13 anos. Mesmo quando diz «eu olho sempre as pessoas nos olhos» não tira os óculos escuros. Fuma sem parar, Philipp Morris Light, mexe obsessivamente no relógio Chaumet em ouro branco, as mãos tensas do início estão sempre cruzadas para ao longo da conversa se irem alargando em gestos mais soltos. «Só falo do filme, só falo do filme», começou por repetir, mas acabou por falar de muito mais. Depressa, uma metralha de ritmo que o gravador regista sem piedade – «queria um descafeinado, serré, pequeno, enfim!». Cada vez com menos «enfins» de enfado ao longo do tempo da entrevista. «É belo o seu jornal. Muito cinematográfico». Valha-nos isso. São assim as estrelas: para ver no céu como nos filmes, ao longe e sem contágio. E são perfeitas assim mesmo. Adaptar Proust ao cinema é uma ousadia muitas vezes tentada (Losey, Visconti) e poucas conseguida. Está contente com o resultado do filme?

- Sim. Foi uma aposta muito ambiciosa, que foi ganha. É verdade que durante a rodagem Ruiz estava sempre muito calmo, sentia-se que ele estava muito seguro do que queria fazer, sentíamos que é alguém que tem uma grande mestria no que faz. Percebi que ele estava muito feliz durante a rodagem. Eu não filmei muito, tenho um papel pouco importante, as mulheres têm um papel bastante menos importante que os homens neste filme, tal como em Proust de resto.

Filmarem-me de muito perto ou de forma menos bela não me incomoda, se isso fôr lógico na história, se a história me agrada e eu tiver confiança no realizador. Sobretudo, enfim, na minha idade, francamente, o que é que eu arrisco? Não, não se ria, é verdade, o que é que eu arrisco?

Mas passou-se tudo maravilhosamente e considero o resultado final muito interessante, muito original. É uma heresia bem sucedida, portanto.

- Não é bem uma heresia, é uma ambição, o que não é a mesma coisa. Uma heresia é algo que é contra-natura, e isto não é contra-natura. Mas é verdade que era muito arriscado como projecto.

Antes de «O Tempo Reencontrado» fez com Raoul Ruiz «Genealogias de um Crime». Sente-se bem no quadro da sua geometria surrealista?

- Há realizadores com quem eu faço quatro filmes ou mais se fôr preciso. São pessoas com quem se têm afinidades mais particulares e me propoem coisas que me atraem mais do que outras, «voilà». E mais, ele é alguém que conhece muito bem o cinema, com uma abordagem de tal forma agradável, fluida e doce – nunca um grito, nunca uma demonstração de força – isso liga muito bem comigo.

A ideia de interpretar alguém do universo proustiano parece já vir detrás, na sua carreira. É assim?

- Eu oiço falar de Proust desde que era muito jovem, é um projecto que me seguiu sempre. Inicialmente os direitos não eram públicos e Nicole Stéphane, produtora de cinema com quem fiz um dos meus primeiros filmes, adquiriu-os, disse-me que queria adaptar o filme e propôs-me... bem, os meus papéis evoluíram ao longo dos anos. Quando fiz «La Vie de Chateaux» de Jean Paul Rappeneau, já vê, talvez há mais de 30 anos, as personagens mudaram. Ao longo de 15 anos o projecto evoluiu, mexia, tive vários encontros nesse sentido, ela acabou por fazê-lo com um realizador alemão e eu acabei por não fazer o filme. É uma leitora de Proust?

- Não. Assim seria mais fácil de entrar... Mas não, de todo, não sou uma especialista de Proust. Li-o, nunca todo, mas gosto muito do que li.

Este filme marca a primeira vez em que estão juntos a mãe, o filho [Christian Vadim] e a filha [Chiara Mastroianni]. Não é a primeira vez que trabalha com Chiara no mesmo filme...

- Mas nunca filmámos juntas, em «O Tempo Reencontrado». Ela tem uma cena neste filme, eu tenho apenas quatro, nunca nos cruzámos. Mas devo dizer que acho a minha filha uma muito boa atriz. O meu filho [Christian Vadim] também está aí hoje, porque tem um papel neste filme mais importante que o meu e mais importante que o de Chiara.

Mas discutiram, falaram sobre o filme?

- Não, nunca. Eu estava a fazer outro filme quando este estava a começar, e quando cheguei ela já tinha partido. Falámos muito pouco do filme... Vemo-nos muito, mas como isso é algo exterior ao trabalho, é verdade que... falamos mais de coisas pessoais. Veja, já é difícil para um jovem ser filho de alguém célebre, ainda mais se se trata de actores. É um presente envenenado, mas são as escolhas deles. Da primeira vez que trabalhei com a minha filha estava muito inquieta, com o meu filho a mesma coisa... é-me difícil, pois tenho tendência para os proteger. Portanto, tento não falar muito neles porque me dou conta de que é um peso e não os ajuda.

Não é ao contrário? Existe uma velha tradição do médico-filho-de-médico, do advogado-filho-de-advogado e não se pode dizer que isso não seja positivo para eles.

- Não, de todo. Enfim, a medicina é uma coisa completamente diferente: é uma disciplina que se aprende, passa pelos estudos, é algo de muito evidente a continuidade como profissão relativamente àquilo que se estudou. Dizemos: ele estudou sete anos, é natural que seja médico. Entre os actores é muito diferente. É muito mais vago, muito mais aleatório, é... muito diferente. Eu falo pouco do «métier», aliás, não sou uma pessoa muito faladora, na vida – e já acho que falo demasiado com os jornalistas! – os meus filhos são actores, sim, mas não falo disso com eles.

Nem para lhes ensinar qualquer coisa, da sua experiência?

- Não, não sou «coach» nem agente deles. Sou a mãe deles. Se fôr através da minha experiência, não tenho nada a ensinar-lhes. Só se me pedirem algum conselho...

Com uma carreira como a sua é difícil pensar que não tem nada a ensinar-lhes.

- Mas é a minha carreira, não é a deles! E todas as experiências são experiências individuais. Não tem nada a ver. Mesmo eu aprendi porque era eu, porque eram coisas que me diziam respeito a mim. Mas, antes de tudo, o meu filho é um rapaz, a minha filha é o que ela é, é uma pessoa diferente, é metade italiana, cada um tem a sua personalidade. De qualquer maneira, a experiência de alguém nunca serve senão à própria pessoa. Mesmo para nós próprios, nem sempre a experiência redundava numa verdadeira aprendizagem, portanto, salvo se eles me pedirem algum conselho, eu evito tentar aconselhá-los.

É uma boa mãe?

- Não sei o que é uma boa mãe. Sou uma mãe amante. É a única coisa que consigo dizer-lhe com segurança, porque sei-o, penso-o. Agora, conseguir julgar se sou uma boa mãe... não sei. Espero que sim.

Ser actriz é uma coisa que se constrói ou é algo de absolutamente intuitivo?

- Não é absolutamente intuitivo, mas creio que também não é uma coisa que se construa. Porque é uma profissão artística, que passa por encontros, conversas, e por erros e experiências, julgo que isto não se constrói voluntariamente. Não é matemático, nem científico. É uma espécie de cadeia de acasos. Podemos às vezes fazer filmes muito maus com grandes realizadores, podemos ter um excelente «partenaire» e ter um muito mau filme, podemos ler um grande argumento e depois o filme não resultar. Ou seja, tudo é possível. No documentário que comenta sobre a Marilyn Monroe expõe-se muito, comove-se e diz coisas comovidas. Entre elas, quando fala da sua profissão, afirma que ser actriz repousa sobre uma espécie de inquietude, uma coisa que nunca é apaziguada. Mantém?

- Sim, sem dúvida. Porque cada filme é diferente, nunca sabemos o saber certo para fazer face a cada situação.



Adoro casas porque são o símbolo da vida, da família, das crianças, da amizade, do amor. A casa é o domínio afectivo

Quando está a trabalhar pensa por algum segundo em nós, os seus espectadores?

- Veja, ser espectador é qualquer coisa de muito diferente, é alguém que está do outro lado do écran, mesmo do outro lado. O que eu sinto é uma coisa e o que o espectador sente é outra. Mesmo eu quando sou espectadora deixo de ser a actriz. Sei e sinto que são duas coisas absolutamente distintas e – felizmente – eu tenho essa capacidade de ser completamente espectadora quando vou ao cinema. De contrário não conseguiria ir. Se estivesse sempre a pensar na dificuldade dos que fizeram o filme...

Vai frequentemente ao cinema?

- Vou, vou muito.

De que gostou recentemente?

- Recentemente nada, porque tenho estado a filmar ininterruptamente desde há um ano e meio para cá. Estou estoirada, confesso.

De facto, ao que sei, há cinco filmes seus rodados entre 1998 e 1999 ainda por estrear, em Portugal, pelo menos. «The Last Napoleon», «Est-Ouest», de Régis Wargnier (com quem já fez «Indochina»), «Le Vent da La Nuit» de Philippe Garrel, «Belle Maman» de Gabriel Achion, «Pola X» de Leo Carax e «Dancer in the Dark» de Lars Von Triers.

- Ah mas «Vent de la Nuit» já tem um ano, talvez ainda não tenha estreado aqui, mas já estreou. Em «Pola X» fiz apenas uma participação, para «Vent de la Nuit» filmei um mês, em «Est-Ouest» filmei algumas semanas, no de Ruiz também não fui além de algumas semanas. De entre todos esses, só em «Belle Maman» e «Place Vendôme» eu tenho verdadeiros papéis. Nos outros são apenas participações. É por isso que vou parar de filmar agora durante uns tempos. Mas em «Dancer in the Dark» - espécie de comédia em que é Selma, emigrante de Leste que vive como

num musical de Hollywood - não se trata apenas de uma participação, ao que sei, e não sei muito...

- Ninguém sabe, de resto. O filme está ainda a acabar de ser montado e ainda ninguém viu nada. É uma participação mais importante, que se estendeu durante um tempo mais longo. Acabámos as filmagens há cerca de um mês e o filme deve estrear no ano 2000, lá pela Primavera.

Foi dos que filmou com prazer?

- Muito. Muito mesmo.

É realmente uma comédia musical, género que parece ser da sua preferência desde Demy? Canta?

- Não sei dizer o que é. Mas não, eu não canto, é a Bjork que canta no filme. Há um pouco de dança e ela canta várias vezes ao longo do filme. Já a ouvi dizer várias vezes que o importante para si, como critério de escolha dos filmes que faz, não é o argumento, nem os actores, mas os realizadores, o encontro com algumas pessoas especiais.

- Isso é verdade, sim, mas bem vê, para uma actriz esse tipo de encontros concretizam-se num projecto, pelo menos é bom que assim seja. Mas sim, são os realizadores e as pessoas que escrevem, o que muitas vezes coincide, pelo menos em França. Os filmes interessam-me, evidentemente, mas são sobretudo os realizadores.

É verdade que escreveu uma carta a Lars Von Triers, a dizer que gostava muito de trabalhar com ele?

- Rigorosamente verdade. Fiquei de tal modo emocionada e comovida com «Breaking The Waves», que fiz isso.

Trabalhar com ele era um sonho?

- Não exactamente um sonho, mas uma vontade de mostrar a minha admiração – «voilà» - porque realmente era um filme emocionante. Ele depois respondeu-me escrevendo-me uma carta adorável, muito calorosa, dizendo que tinha um projecto com uma personagem que podia ser interpretada por mim, se eu estivesse interessada. E eu estava interessada, claro. Mas não se tratava exactamente de um sonho, eu não sonho com realizadores de cinema.

Nunca?

- Enfim, poderíamos dizer que sonhava com isso como sonhava fazer um filme com Hitchcock, ou... não sei...

Com Hitchcock seria ouro sobre azul. É o tipo de actriz e de beleza loira que ele privilegiaria nos seus filmes. Mas chegou a estar pensado um filme com ele, não foi? Pode contar o que era?

- Esteve, esteve, mas pronto não se fez, não há muito a contar, podemos sonhar com coisas que nunca faremos, faz parte da vida. Eu gosto de ter projectos que não tenho de realizar obrigatoriamente. Quanto ao filme do Hitchcock, realmente não há nada a dizer: não havia sequer um argumento, havia uma sim-

Catherine Deneuve

ples sinopse, não houve nada, não se passou nada, claro que me encontrei com ele, mas nada saiu dali. Era a hipótese de uma história de espionagem passada a Europa. Ele morreu, entretanto. É uma...anedota.

Em todo o caso já trabalhou com alguns dos maiores realizadores. De Démy a Buñuel, Polanski a Truffaut, até chegar ao mais marcante dos seus últimos tempos de carreira, André Techiné. Ele é, aliás, o responsável por um certo abandono da sua imagem de marca, o glamour de uma altivez loira à beira da transcendência. Filma-a de muito perto, de uma forma muito dura... Não a incomoda?

- Não é só o Techiné que é, para lá de tudo, um grande amigo. Agora neste filme da Nicole Garcia ela mostra-me como alguém de muito batida pela vida, é assim a minha personagem. Tenho reparado que, recentemente, as pessoas tentam avançar explicações psicológicas em que efabulam sobre o facto de eu finalmente ter aceite descer à terra...

Bom, repare que isto não é uma explicação, muito menos psicológica. É uma simples pergunta.

- Ok, tem razão, mas em todo o caso quanto a essas apreciações devo dizer que é falso. Quando se tem confiança numa pessoa, num argumento, num projecto, podemos lindamente fazer um filme onde fazemos personagens que são menos «glamour», enfim, menos sofisticadas. É tudo uma questão de encontro, mais uma vez. Nicole Garcia é uma pessoa em quem eu confio inteiramente. Filmarem-me de muito perto ou de forma menos bela não me incomoda, se isso for lógico na história, se a história me agrada e eu tiver confiança no realizador; se ele tiver a intenção de mostrar a personagem de mais perto, o mais verdadeira e nua possível, [au plus vrai, au plus près et au plus nue] e isso não for uma vontade de distorção, não, garanto-lhe que não me incomoda. Sobre tudo, enfim, na minha idade, francamente, o que é que eu arrisco? Não, não se ria, é verdade, o que é que eu arrisco?

Ainda voltando ao documentário sobre a Marilyn, você dizia, citando a Simone de Beauvoir, creio, o seguinte: «uma mulher que diz que a idade não é um problema...»

- «...É uma mentirosa!» Claro! É verdade, mas creio que é verdade para todas as mulheres. Penso também que as mulheres podem mentir-se a si mesmas, sem se darem conta. Uma mulher que diga isso está a mentir, está a mentir-se. Mas a idade é um problema para todos. Mesmo as crianças têm angústias acerca de morrer, bem vê, é um inelutável da nossa natureza.

Para alguém que vive da imagem e a vê modificar-se, geralmente para pior - e isto aos olhos do mundo, sem o abrigo do espelho de aumentar que a maquiagem vai escondendo - deve ser mais pesado.

- Para as mulheres é sempre difícil e para uma atriz ainda é mais. Mas não me incomoda particularmente, é um facto, o que hei-de fazer? Toda a gente crê que foi um sofrimento, uma abdicação mostrar-me assim, mas não, de todo! Recordo-me agora logo do primeiro dia de rodagem do filme de Nicole Garcia: foi bastante duro, eu estava muito pouco maquiada e, note, aceitei isso com naturalidade.

É reconfortante ouvir isso. Para nós, simples mortais...

- Sim? Ah mas para mim também foi reconfortante porque, afinal, começar o filme assim, de uma

certa maneira, dá hipóteses de o remontar, de o ver desenvolver-se, de uma forma humana. As pessoas não me conhecem, mas na vida eu sou muito natural e directa, muito envolvida com as coisas. Não é como se estivesse numa torre de marfim, com uma barreira entre mim e as pessoas, não é verdade, levo uma vida bastante natural e normal.

Costuma ter momentos de excesso, ataques de cólera, nervosidades? Não se imagina a Catherine Deneuve nesses preparos.

- Sim, claro, espero. Não é tanto o irritar-me - a irritação é mais um estado de enervamento sobre as coisas, mas encolerizar-me, ah sim, posso encolerizar-me.

Já vai tendo uma relação com Portugal. Fez «O Convento» com Manoel de Oliveira, já cá veio entretanto, está cá de novo. Qual é o seu Portugal?

- É um país onde me sinto muito bem, tal como como me sinto bem em Espanha ou no Sul da Europa. Não compreendo português mas como falo um pouco de espanhol, é uma ajuda. Não compreendo muitas palavras, mas entre o latim e o espanhol que conheço, acabo por tirar o sentido do que ouço. Mas além de tudo é um país latino, e eu sinto-me muito mais próxima dos países latinos que dos países nórdicos, por exemplo. Quando filmei na Dinamarca ou na Noruega estava completamente perdida, na medida em que os lugares típicos me passavam ao lado, tudo me escapava, não compreendia nada de nada. Não havia nada que me aproximasse da língua, sequer. Ao passo que nos países latinos sinto-me sempre um

Uma vocação é uma coisa que é mais forte que nós. Pode ser doloroso, mas quando acontece é impossível fazer de outra maneira. Comigo não posso dizer que isso se tenha passado. Falhei a vocação, o que aconteceu foi as coisas passarem-se assim

pouco em casa. Então, o meu Portugal é Manoel de Oliveira, e...

Tem cá amigos?

- ...Sim, um pouco.

Já se envolveu nalgumas campanhas cívicas, como afirmar-se a favor da despenalização do aborto, contra a lei anti-imigração em França, a Amnistia Internacional e fazer parte do movimento «Afrique Vert» em prol dos nigerianos. Acompanha a política? Ou, por outra, continua a empenhar-se civicamente em causas sociais?

- Sim, mas desde já lhe digo que não gostaria de falar muito nisso, sobretudo num entrevista que é sobre cinema. Pedem constantemente aos actores que tenham uma opinião sobre tudo, a Bósnia, o Kosovo, eu tenho, claro, como cidadã, mas noutro contexto. De qualquer das

formas gostava de dizer que fiquei muito impressionada com a forma como os lisboetas se manifestam na questão de Timor, com todos estes panos brancos nas janelas e os cartazes escritos à mão nos sítios mais inesperados. Nunca vi uma coisa assim em Paris. Fala-se nos jornais, mas como se trata de uma antiga colónia portuguesa, é outra coisa.

Que filme lhe custou mais fazer? E já agora quais lhe deram mais gosto? - Mesmo que não seja um em cada categoria, o que imagino seja difícil de decidir.

- É mesmo. O mais difícil de fazer foi talvez «Belle de Jour»...

«Belle de Jour»...? O Buñuel que marcou a sua imagem fracturada e ambígua para sempre?

- Sim. É uma personagem que se colou a mim,

mas que não foi fácil de fazer. O preferido não consigo realmente dizer-lhe porque, de entre tantos filmes que fiz, há alguns que se situam para mim ao mesmo nível de recordações, de força, de encontro, de personagens bem sucedidas. Impossível escolher só um.

Segue alguma estratégia para a sua imagem como atriz?

- Nunca tive «ataché de presse» pessoal e nunca terei. Tenho um agente, naturalmente, bem preciso para assinar os contratos! Mas olhe que eu faço tranquilamente um filme sem contrato... Não, estou a brincar, um agente não serve só para assinar contratos, é antes um interlocutor privilegiado, porque é alguém que eu conheço bem há muitos anos e em quem confio inteiramente.

É a ele que recorre para pedir conselhos acerca dos projectos a aceitar ou recusar?

- Sabe, os conselhos são sobretudo antes; depois, o filme, uma pessoa fá-lo sozinha. Um actor é alguém de muito solitário, a profissão é isso. Mas antes, sim, na escolha, falamos, sobretudo quando tenho dúvidas. Há golpes de coração, há pessoas bem intencionadas, mas quando se é um pessoa muito pública tem-se de vez em quando hesitações entre mostrar-se a um público mais ou menos vasto. Mas eu tenho a sorte de ter um agente que é uma pessoa muitíssimo cinéfila, portanto ele sabe que, de momento, eu tenho necessidade de fazer filmes verdadeiramente para mim e não a pensar se serão bons para a minha carreira. Ou seja, as minhas escolhas são sempre muito pessoais. Não estamos na América, felizmente, em que a relação com o «box office» determina tantas carreiras.

Mas está consciente do peso que o seu nome tem num projecto? Tudo, quero dizer, o financiamento, pode depender de um sim ou não seus. Os filmes europeus têm de vender-se primeiro às televisões para poderem realmente nascer, e o nome dos actores chega a ser determinante.

- Não, felizmente não estou muitas vezes consciente desse peso, e digo felizmente porque, ao contrário, não sei se aguentaria uma responsabilidade tão pesada...Acho que isso me impediria de escolher tão livremente o que faço. Mas repare, o Paulo Branco faz filmes muito interessantes, nem todos têm vedetas, e apesar disso ele fá-los.

Em França o «star system» ainda funciona?

- Em França existe a obrigação de passar o filme na televisão. Mas, claro, uma série em que entre o Depardieu faz-se com muito mais facilidade do que se ele não fizer parte, ou se for outro nome qualquer. Em França o sistema obriga a que as televisões passem filmes franceses, logo, elas têm de os comprar e por isso tem de haver sempre uma televisão no início do filme. Se não houver, o filme não se faz e pronto, é tão simples quanto isto. É um dinheiro com que os produtores contam muito para montar um filme.

Tem algum «partenaire» ideal, com quem goste especialmente de contracenar?

- Gosto muito de vários actores, mas como não sou alguém que idealize os actores ou as «stars», não posso dizer que tenha um «partenaire» ideal. É verdade que gostei muito de trabalhar com Noiret e Trintignant, há muito tempo atrás, e é verdade que gosto muito de contracenar com (Daniel) Auteuil e Gerard (Depardieu). Assim como, agora, com Malkovich.

Há actualmente em França alguma atriz à sua altura?

- Á minha altura? Ah, eu não me vejo assim, sei

As pessoas não me conhecem, mas na vida eu sou muito natural e directa, muito envolvida com as coisas. Não é como se estivesse numa torre de marfim, com uma barreira entre mim e as pessoas, não é verdade, levo uma vida bastante natural e normal

bem que existem diferenças, mas...

É uma questão de miopia?

- Não, é uma questão de lugar de onde se olha. Eu olho sempre as pessoas nos olhos. E nunca me vejo acima de ninguém, nunca me sinto assim, maior ou mais pequena. Veja, eu encontro sempre os actores em circunstâncias não oficiais e não tenho esse tipo de relações. Gosto muito da Juliette Binoche, da Sandrine Bonnaire, aprecio muito a minha filha, Valerie de Mercier, há muitas atrizes de que gosto muito. É uma ótima geração de actores, mas eu acho que há sempre muitos bons actores em todos os tempos e em todos os lugares, sabe. Penso que é mais difícil encontrar bons realizadores, mas também porque esse é talvez um trabalho mais complexo e pesado que implica a concomitância de muitas qualidades numa mesma pessoa.

Por falar em actores, tenho lido frequentemente que para si representar não foi uma vocação. Apesar de os actores na sua família serem de há várias gera-

ções, pai, mãe, avô, irmã, agora os seus dois filhos. É um caso de família?

- Não, é um acaso. É que a minha irmã que era atriz, um dia precisava de alguém para um «casting» e levou-me. Se não fosse isso, não sei se me teria tornado atriz.

Ter-se-ia tornado o quê?

- Não posso saber, agora, porque comecei muito nova e continuei. Mas se não...é verdade que nunca sonhei com este projecto de vida.

Sonhava com quê, quando tinha essa idade do começo?

- Gostava de tudo o que estivesse relacionado com artes decorativas, desenho, tudo isso. Mesmo assim, não sei dizer-lhe o que poderia ter sido. Era muito jovem, mais uma vez, tinha parado de estudar e começava a trabalhar. Tive a sorte de nunca parar de trabalhar, filmar sempre, de ter encontros importantes desde muito cedo e, portanto, ter por isso algumas facilidades.

No filme, e a propósito de Proust, diz-se a certa altura: «uma vocação é o contrário de uma carreira. Lembra-se?

- Ah, essa é boa, não, não me lembrava. Mas é bem verdade. Porque uma vocação é qualquer coisa que você tem em si, sem um plano de sucesso, uma ambição precisa, é, enfim, uma coisa que é mais forte que você. Quando chega, é algo que tem de fazer.

Como em Proust.

- É isso. Pode ser doloroso, mas quando acontece é impossível fazer de outra maneira. Comigo não posso dizer que isso se tenha passado. Falhei a vocação, o que aconteceu foi as coisas passarem-se assim.

Qual é a sua demanda?

- Podia responder-lhe que isso não lhe diz respeito, o que pode parecer mal educado. Não é isso que quero dizer. O que quero dizer é que a minha demanda, a minha procura, é muito íntima, muito pessoal. Não passa pelo trabalho.

E a publicidade, essa outra actividade paralela que tem tido ao longo dos anos (Yves Saint Laurent, Chanel, Lancia), satisfá-la?

- Não faço assim tanta. A Chanel foi há 25 anos! Mas enfim, é sempre uma coisa muito pontual...

...Que gosta de fazer?

- Sim, senão não fazia. Não é uma questão de não ter dinheiro e ter de o fazer, francamente, mas sinto-me à vontade quando faço, sim.

De entre os seus prazeres sei que as casas são importantes.

- Adoro casas porque são o símbolo da vida, da família, das crianças, da amizade, do amor. A casa é o domínio afectivo.

A sua ocupa-a muito?

- Muito, de facto, e tenho sempre pena de não ter o tempo suficiente para me dedicar a ela. É qualquer coisa em que perco tempo, por assim dizer, e me dá um retorno muito bom.

Não alimenta uma vida mundana, portanto?

- De todo. Tenho coisas de obrigação, de representação por ocasião da estreia dos filmes por exemplo, mas fora disso não. Tudo o que faço são coisas com gosto, não são obrigações. Felizmente.

Para terminar: o que é a elegância?

- A elegância é aquilo em que não se repara. Mas que faz a diferença. A elegância não é a beleza. É uma forma de luxo pessoal. De atitude. Para mim é mais uma atitude que outra coisa qualquer. ■

Diário de Notícias

NEGÓCIOS